

O Brasil não é aqui

Imigrantes haitianos de classe média passam meses na cidade de Tabatinga (AM) à espera de um visto para entrar em território brasileiro. No tempo forçado na fronteira, eles falam sobre as condições desumanas a que são submetidos, consideram que vivem piores do que no Haiti, mas têm consciência de que Tabatinga não representa o resto do Brasil

Quando saiu de casa na tarde daquela véspera de Natal, o técnico em informática Wilson Baptiste, 30, ainda pôde ver crianças terminando de produzir as lanternas que iluminariam a rua durante a noite. Ele já havia comprado todos os presentes, usando parte do salário que ganhava de uma empresa de computação. Cuidadosamente, escolheu uma lembrança para cada um de seus amigos e familiares. O restante do dinheiro foi empregado na reforma de sua casa e em algumas roupas novas para dar sorte no novo ano que se aproximava.

O Natal no Haiti é mais do que um evento para reunir a família. É uma data de transformação, em que todos procuram renovar o guarda-roupa, reformar as casas e simbolizar que a partir daquele ponto inicia-se um novo ciclo. Por todas as partes da cidade de Porto Príncipe, famílias costumam tirar as mesas da sala e colocá-las nas calçadas. Enquanto os homens combinam o melhor horário para a ceia, mulheres trabalham desde cedo na cozinha e, quando Wilson saiu de casa, elas já passavam o limão na carne que seria servida no jantar.

Amigos e vizinhos reúnem os parentes em grandes ceias pelas ruas. Pessoas trocam presentes, crianças brincam juntas e competem entre si para ver quem construiu a lanterna de Natal mais bonita. "Aquele foi meu último dia de felicidade", diz Wilson.

As roupas novas não parecem ter dado muita sorte aos haitianos naquele ano. Apenas alguns dias depois da festa, no dia 12 de janeiro de 2010, um terremoto de magnitude 7 matou mais de 200 mil pessoas e deixou ao menos 1,5 milhão de flagelados. "Uma nuvem branca cobriu toda a cidade. De uma hora para outra, não tínhamos mais casa e família. Não tínhamos mais nada."

"Aquele Natal foi um presente antes do inferno", relembra. Com o terremoto, Wilson perdeu amigos, parentes e o emprego. Após oito meses sem trabalho em Porto Príncipe, ele viu seu padrão de vida despencar. Já não podia comprar presentes, sua família passava fome e a situação econômica de todo o país era catastrófica. Foi então que ele resolveu seguir o rumo de milhares de outros haitianos: sair do Haiti e tentar a vida mais ao sul, no Brasil.

Natal na Amazônia

"Estou aqui [na festa de Natal organizada pela igreja, na cidade de Tabatinga (AM)]. Mas, na verdade, não tenho motivo nenhum para comemorar", diz Wilson. Assim como os demais haitianos que tentam entrar no Brasil pela Amazônia, ele precisa esperar por três meses nesta cidade da fronteira. Esse é o tempo que demorava, em dezembro passado, para que o visto de entrada em território brasileiro fosse concedido. No último dia 24 de dezembro, ele não viu crianças fazendo lanternas nem preparou uma ceia na rua para amigos e familiares. Muito menos mudou a pintura de sua casa ou conseguiu uma camiseta nova. Há quase três meses no Brasil, contentou-se em comer uma marmitta e tomar um copo de refrigerante na noite de Natal.

A festa ocorreu em um ginásio municipal da cidade e contou com a ajuda de alguns haitianos. A maioria dos presentes usava gorros de Papai Noel. No centro da quadra, duas mesas apoiavam bolos, comidas e refrescos doados por pessoas da cidade. Como se fosse a final de um campeonato de futebol, as arquibancadas estavam cheias de haitianos, que conversavam em creole (uma mistura do francês com línguas africanas) e faziam qualquer brasileiro se sentir estrangeiro na Amazônia. Apesar da situação difícil, em que a ceia de Natal depende de caridade, diversos haitianos nos ofereceram comida e bebida. "Sabemos que não é muito, mas fazemos questão compartilhar esse momento com vocês", disse Wilson.

Após a sobremesa, todos ouviram o "kompa", uma música haitiana em que a combinação de tambores, guitarras e baixo dita o ritmo. Muitos caíram na dança. Em seguida começou a apresentação de "saempaul", em que dois haitianos competem entre si fazendo acrobacias no ar. A cada salto a dificuldade aumentava, e as expressões de surpresa e espanto, seguidas de palmas, gritaria e assobios, eram maiores.

Por alguns minutos, aquele ginásio em Tabatinga transformou-se em um pedaço de Porto Príncipe. Pelo menos foi o que achou Ulysses Anice, 28. Seu rosto expressava um olhar misto de nostalgia do que ficou para trás e esperança de que aquele momento em Tabatinga seja algo efêmero. Ele se divertia em mostrar ao repórter as fotos em seu iPod, trazido por um amigo da República Dominicana. Eram imagens da vida no Haiti, da família, da viagem para o Brasil, do avião, das nuvens. Retratos da casa em que mora em Tabatinga. Dos amigos que fez no Brasil. Dos cultos na igreja. Das reuniões com os colegas na praça.

Apesar de mais de mil haitianos estarem na cidade durante aquele Natal, nem todos compareceram à celebração. "A gente já sabia que nem todos viriam, por isso tínhamos preparado alimentos para 600 pessoas. Existem aqueles que preferem passar o Natal sozinho, afinal as condições aqui não são fáceis. Bate uma tristeza", afirma Casseus Ernst, 30, um dos haitianos que colaboraram com a festa. A igreja estimou em 400 os imigrantes no ginásio.

"Vendi tudo o que tinha dentro da minha casa, e alguns familiares me emprestaram dinheiro. Gastei tudo na viagem, agora não tenho mais nada.", contou Wilson depois da ceia. Sempre que falava dos problemas de sua vida em Tabatinga, logo tratava de comparar a situação com a realidade do Haiti. Para ele, quase tudo era melhor na ilha caribenha: da festa de Natal à carne vendida no mercado. "Eu não sabia o que me esperava no Brasil." Para sobreviver, ele almoça e janta na paróquia da cidade. Como não pode pagar aluguel, sua casa também é financiada pela igreja.

A "base haitiana", como é conhecida a casa, abriga 30 haitianos em três quartos. No maior deles, 15 pessoas dividem o chão para dormir. "É tanta gente que é impossível dormir esticado", conta. Caixas de papelão, malas, roupas e objetos de higiene pessoal amontoam-se nos cantos do quarto, que tem apenas uma janela. No dia em que a visitamos, a janela estava fechada e fazia toda a casa parecer uma estufa. Para completar a sensação de sufoco, o teto de metal faz a temperatura interna ser muito maior do que os 35º que costumam fazer na parte de fora no mês de dezembro.

A cozinha da casa é comunitária e fica em um pequeno jardim de grama alta, que não deve ser aparada há meses. Um pouco de lenha no chão e alguns objetos que mais parecem caldeirões

são utilizados para cozinhar quando se consegue comida. O banheiro também é externo: um buraco no chão envolto por uma casinha de metal. Todas as 30 pessoas utilizam a mesma fossa. O cheiro dos dejetos somado ao calor produzido pelo sol ao entrar em contato com a casinha transforma a atmosfera em algo tóxico. Já o chuveiro é uma caixa d'água perto da porta de entrada. Todos os homens e mulheres da casa tomam banho de caneca. O que resta para essas pessoas é se preferem tomar banho dentro da caixa d'água, como se fosse uma banheira, ou fora dela.

Sobreviver sem um emprego, ser obrigado a dividir um quarto com mais de dez pessoas e depender de doações são fatos inéditos para a maior parte dos imigrantes haitianos que chegam ao Brasil. Com roupas sempre limpas e algumas delas inclusive de grife, boa parcela deles tem curso superior, fala mais de três idiomas e mantinha um padrão de vida razoável em seu país – até a fatalidade do terremoto.

Como a passagem para o Brasil é cara - existem casos de pessoas que pagaram mais de US\$ 5 mil pela viagem – pode se dizer que é uma parcela privilegiada da população haitiana que está retida na fronteira. Até porque o país apresenta uma das menores rendas *per capita* do mundo: US\$ 1.123. Com isso, muitos deles passaram a repensar se a decisão de emigrar para o Brasil foi realmente a melhor escolha.

Caos na floresta

Imagine uma cidade encravada no interior da Amazônia, onde as leis são ignoradas e a pobreza atinge mais de 20% da população. Imagine ainda uma região que é considerada uma das principais rotas do narcotráfico em território brasileiro. Agora, some a tudo isso uma migração em massa de haitianos. Mais de mil imigrantes sem emprego, sem dinheiro e sem comida.

Essa tem sido a realidade de Tabatinga, município de 53 mil habitantes do estado do Amazonas, situado na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. A pequena cidade é a porta de entrada dos haitianos no Brasil desde fevereiro de 2010. Em janeiro deste ano, 1400 haitianos esperavam no local por um visto.

Com Estados Unidos e Europa em crise, resultando em taxas recordes de desemprego, os haitianos passaram a buscar trabalho e moradia em terras brasileiras. Porém, o que parece o caminho certo a uma terra cheia de oportunidades, pode se mostrar um destino repleto de obstáculos a serem superados.

Vida na fronteira

“Pensávamos que aqui seria o paraíso, que estávamos deixando o Haiti para morar num lugar melhor. Mas na verdade deixamos o inferno e viemos parar em um inferno ainda pior”. É com essa descrição que o agente de viagens Casseus Ernst define a vida dos haitianos em Tabatinga.

Kesner Rosin, 40, é pedreiro e também vive na "base haitiana". Ele não imaginava que passaria tanto tempo no Brasil sem exercer sua profissão. “No meu país, eu vivia em uma casa pequena e velha, mas não nessas condições desumanas. Desse jeito, nunca”. Kesner, que divide quarto com mais seis haitianos, diz que o calor e a presença de mosquitos são insuportáveis. “Não

consigo dormir. Se não bastasse tudo isso, ainda tenho todas as preocupações com família e emprego. Às seis horas da manhã já estou de pé. A partir daí, o tédio toma conta do meu dia, já que não tenho nada para fazer.”

O rapaz reclama que se sente deprimido no Brasil. "Eu sempre estou sozinho. A vida aqui é muito ruim. É pior do que no Haiti", conta. Após o terremoto de 2010, a casa em que ele morava, e também a de sua família, desabaram. "Por isso decidi vir para cá. Preciso reconstruir minha casa e a da minha família no Haiti. O problema é que não temos dinheiro. Meus parentes estão passando fome. E eu estou aqui, sem poder ajudá-los."

Para financiar a viagem, Kesner foi obrigado a penhorar suas terras para juntar os US\$ 4 mil gastos na viagem. Agora, tem a responsabilidade de juntar dinheiro e pagar o penhor. Caso contrário, ele perderá todas as propriedades. "Entende minha preocupação?"

Mesmo assim, ele era um dos presentes na festa de Natal em Tabatinga. Assim que nos viu durante a celebração, abriu um sorriso e começou a conversar. Católico, Kesner busca na religião um conforto para a vida no Brasil. "Acredito que todos precisam passar pela miséria para valorizar o que têm. Aqui é a minha fase de privação. Tenho certeza de que depois vai melhorar."

O primeiro passo para isso acontecer é juntar R\$ 170 e comprar a passagem de barco entre Tabatinga e Manaus. Durante os quatro dias de trajeto, todos os passageiros dormem em redes penduradas no teto da embarcação. Uma vez na capital amazonense, ele espera conseguir trabalho para ajudar sua família - entre eles, seu avô de 102 anos. "Meu avô nunca saiu do Haiti e não queria que eu viesse. Mesmo com todos os problemas, meu avô acha que nosso país é o melhor lugar do mundo. E talvez tenha razão."

Se soubesse o que teria que enfrentar, Wilson Baptiste também não teria saído de casa. "Eu fico deprimido aqui. Sinto falta da minha família e dos meus amigos. Nossos dias são todos iguais. Não consigo conversar com ninguém da cidade nem encontrar um trabalho. Se eu tivesse dinheiro, sairia daqui e voltaria ao Haiti. Sem dúvidas."

Mas a ideia de que a vida em Porto Príncipe é melhor do que em Tabatinga não é verdadeira. Ao menos é o que mostram números da ONU. Pelo IDH de 2011 – mesmo ano da mudança dos haitianos – o país caribenho apresenta um IDH de 0,454, muito abaixo da média mundial, que é 0,682. Por esse mesmo levantamento, o índice do Brasil é de 0,718. Se a comparação for feita apenas com a cidade de Tabatinga, o município amazonense já apresentava onze anos atrás um IDH de 0,699, superior ao do Haiti atual.

Casseus Ernst fica inconformado com a situação. "É desesperador. Como pode um haitiano que consegue pagar até US\$ 5 mil pela viagem viver dessa maneira? É muito dinheiro. Estaria melhor lá no Haiti do que aqui em Tabatinga. No fim, ao invés de mandarmos dinheiro para as famílias, são elas que nos sustentam aqui. É o contrário do que deveria estar acontecendo."

Mesmo com a decepção no primeiro contato com o Brasil, fazendo com que muitos pensem em desistir e voltar, a maior parte dos haitianos tem noção de que as dificuldades de Tabatinga não espelham a realidade do país. Até mesmo Casseus. "Sabemos que Tabatinga não é o Brasil".

A situação inversa a que se refere Casseus é a mesma do motorista de caminhão Jeff Emisial, 28, que veio ao Brasil com sua irmã. Não fazia nem dois meses que estavam em Tabatinga e já tinham pedido ajuda de familiares algumas vezes. “Quando acaba o dinheiro não se tem muito a fazer a não ser ligar para nossa mãe ver se tem alguma coisa para mandar. Se tem, ela manda. Se não tem, não manda”, conta. Na verdade, a mãe precisa pedir o dinheiro para outros parentes. “Ela já é de idade, não trabalha. A gente tem mais três irmãs. São elas que nos ajudam. Mas ninguém tem renda fixa, vivem de alguns bicos. Tem semana que está melhor, tem semana que está pior.”

Quem tem dinheiro armazenado ou consegue apoio da família vive em casas alugadas, em condições um pouco melhores. Antigos hotéis e pousadas da cidade são agora abrigos de haitianos. Eles desembolsam de R\$ 200 a R\$ 250 mensais por um quarto, onde geralmente dormem seis pessoas. E não se vê um espaço livre no chão, totalmente ocupado por colchões velhos e rasgados, colchonetes, sacos de dormir e papelões. Nos poucos espaços que deveriam estar vazios, malas se empilham.

A questão da moradia chegou a gerar atrito com outros imigrantes que vivem em Tabatinga, principalmente peruanos. Com um grande número de haitianos procurando lugar para viver, o valor do aluguel de um quarto mais que dobrou desde 2010. Inconformados por serem obrigados a pagar a mais, muitos peruanos e colombianos protagonizaram casos de discriminação e agressão contra os recém-chegados. “Mas a culpa não é nossa. Precisamos de um lugar para dormir”, defende-se Casseus.

Mesmo quando recebem dinheiro, os imigrantes têm apenas o básico para sobrevivência. “Dá para pagar o aluguel e comer bem por alguns dias. Eu não queria estar nessa situação, por mim já estava trabalhando. É muito ruim estar assim. Nem tanto por mim, mais pela minha irmã. Mas não tem jeito, aqui nesta cidade não existe emprego, não tem nada”, garante Jeff.

A casa em que os dois irmãos moravam em Porto Príncipe foi totalmente destruída pelo terremoto, e desde então sua família mora em um acampamento coletivo. “São quase dois anos morando em abrigos improvisados. Eu não aguentava mais e decidi vir ao Brasil buscar emprego e uma vida melhor. Minha família continua por lá, mas espero que por pouco tempo. É complicado, o governo do Haiti não faz nada pelo povo. Como pode ainda ter escombros pela rua dois anos depois da tragédia?”, reclama.

Após perder o emprego de sete anos como motorista de uma distribuidora da Coca Cola, Jeff resolveu abrir uma empresa de equipamentos metálicos em sociedade com alguns amigos. “O negócio estava indo bem, mas o terremoto acabou com tudo. Aquilo foi um duro golpe. Tivemos um prejuízo de mais de US\$ 12 mil. E depois daquilo não consegui mais emprego. Acabou qualquer oferta de trabalho no país”, diz Jeff.

O haitiano acredita que não encontrará muitas dificuldades para conseguir um emprego quando chegar a uma grande cidade, como Manaus ou São Paulo. Seu sonho é começar a trabalhar logo para poder ajudar a família. Ele se animou quando descobriu que Manaus possui uma Zona Franca. “Vai ser o primeiro lugar aonde vou. Dizem que tem bastante caminhão, é verdade? Quem sabe eu não consiga emprego como motorista”, diz.

Quase a totalidade dos haitianos que está em Tabatinga não tinha ideia de que era necessário ficar por três meses na fronteira à espera de um visto. Para eles, iriam chegar ao Brasil e logo começar a trabalhar.

"Um amigo me disse: 'você pode ir ao Brasil e encontrar trabalho no dia seguinte'. Essa é a grande razão pela qual deixei meu país", conta Anthony Mathurin, 24, em um inglês claro. Se ele soubesse das dificuldades e do tempo necessário para conseguir o visto, teria pedido mais dinheiro à família.

"Meu bolso está vazio. Não posso pegar um taxi, comprar uma comida. Não sei como estou sobrevivendo sem dinheiro", diz. Ele vive em uma casa alugada, mas sem pagar nada. Seus amigos o ajudam desembolsando R\$ 200 por um quarto onde dormem oito pessoas. Todos no chão.

Das coisas que mais sente falta, sua família aparece em primeiro lugar. "Eu não tenho ninguém aqui. Como posso sobreviver em um lugar sem família? Eu sou obrigado a confiar em outros haitianos que moram aqui."

Anthony perdeu o pai no terremoto de 2010. "Minha casa caiu. Meu pai, alguns primos e grandes amigos morreram", conta. Foi então que ele tomou a decisão de vir ao Brasil.

"Minha família vendeu todos os seus pertences para financiar minha viagem. Eles não me deram o dinheiro, mas emprestaram. Eu tenho que conseguir um emprego para poder enviar o dinheiro de volta. É complicado, porque um tio já me disse: 'Anthony, você vai passar três meses sem trabalhar? Eu estou esperando pelo dinheiro'. Eu não sabia o que responder."

Enquanto não consegue trabalho, seus dias se limitam a dormir e a ver televisão. "Eu fico deprimido aqui. E não é que não posso trabalhar. Não tem nada de errado comigo. Eu apenas não encontro emprego nessa cidade."

No Haiti, ele costumava trabalhar carregando cimento em construções. Mas, assim como outros haitianos, perdeu o emprego após o terremoto. Segundo ele, é impossível encontrar algum trabalho no Haiti hoje em dia.

"O governo não faz nada. Toda a juventude está parada, sem emprego e sem escola. Os jovens são o futuro de um país. Como uma nação pode sobreviver se não cuida de sua juventude? O que acontece é que, a cada dia mais, os jovens decidem deixar o Haiti. O país está ficando vazio e se tornando cada vez pior."

Mesmo assim, Anthony preserva um pouco de otimismo. Quando conseguir um emprego, pretende também estudar engenharia, pois acredita que, com mais estudo, vai conseguir mais dinheiro. "Se eu preciso de alguma coisa, eu bato na sua porta e você vai me ajudar. Estou agora batendo na porta do Brasil."

A decisão

Em janeiro deste ano, o governo brasileiro resolveu controlar a entrada massiva de imigrantes haitianos no país. Até então, cerca de quatro mil haviam entrado pelas fronteiras brasileiras, principalmente pelos estados do Acre e do Amazonas. Embora tenha começado após o

terremoto, o movimento migratório só se tornou desenfreado no final de 2011. Durante todo o ano de 2010, a Polícia Federal de Tabatinga atendeu a pedidos de visto de 456 haitianos. Já no ano seguinte foram 1901. Pelas novas regras divulgadas pelo Ministério da Justiça, o país concederá apenas 100 vistos mensais. Todos aqueles que migraram antes desta resolução terão a entrada autorizada.

Enquanto conversávamos com alguns dos imigrantes, que se reuniam em uma igreja da cidade à espera de doações, Georges Pigondé, 31, apareceu com R\$ 20 e uma dúvida. “Por favor, eu consigo pagar um aluguel com isso?”, pergunta. Era o seu primeiro dia em solo brasileiro.

Georges é marceneiro. Nos últimos oito anos exerceu a profissão na República Dominicana, país vizinho ao Haiti e destino comum de haitianos que buscam um lugar para trabalhar. “Lá é melhor que o Haiti, mas também não é nenhuma maravilha. Tem muita gente que engana os imigrantes que buscam emprego. Suportei por oito anos só para ganhar dinheiro e mandar para minha mãe e minha irmã. Caso contrário teria voltado antes”.

O “dominicano”, apelido que ganhou por ter a pele mais clara do que a dos amigos, teve certeza de que precisava buscar novos horizontes após a catástrofe em seu país. “Mesmo eu não estando lá no momento, é como se estivesse. É um sofrimento compartilhado por todos os haitianos. Depois desse dia, eu não acredito mais em amanhã”, diz Georges, que perdeu uma empresa de conserto de peças de automóveis que mantinha com um amigo. “O prédio ruiu, mas o prejuízo material foi o de menos. Meu parceiro perdeu a mulher, as filhas e uma das pernas.”

Foi quando Georges decidiu que era hora de juntar dinheiro e vir ao Brasil. Ele passou um ano trabalhando e poupando o máximo que podia na República Dominicana. Nesse período, parou até de mandar dinheiro para a família. “Na vida, às vezes, é preciso fazer alguns sacrifícios. Esse foi um deles. Não se ajuda apenas mandando dinheiro. Para minha irmã, eu procuro sempre dar bons conselhos, educar, orientar, mesmo estando longe. Então, acho que faço minha parte”, diz.

Além de simbolizar o início de um novo ciclo, o Natal para ele tem ainda outro significado: é quando a procura por móveis novos aumenta. Ele conta que essa será a primeira vez que não terá uma renda razoável no mês de dezembro. “Lá no Haiti, todo mundo tem o costume de consertar os móveis para as festas de fim de ano. Mas dessa vez, aqui no Brasil, não vai ser assim”.

No entanto, ele tem certeza de que seus planos no Brasil não vão falhar. Assim como grande parte da população de seu país, Georges é muito religioso e deposita na crença o seu futuro. “Jesus é o caminho da minha vitória”, prega.

Seja pela fé ou por sorte, os objetivos de Georges já começaram a dar certo. Ele já conseguiu um emprego logo no segundo dia em Tabatinga, algo raro para haitianos, que costumam passar meses desempregados. Atualmente, trabalha em uma pequena marcenaria da cidade. “Não ganho muito, é por serviço, mas já dá para comprar minha cervejinha. Afinal, não sou de ferro”, brinca.

Mas por que o Brasil? “Além de ser a terra das oportunidades, é o país do futebol e eu amo esse esporte. Todo haitiano gosta. Quando a seleção do Brasil vence, as ruas lá no Haiti são invadidas por torcedores em êxtase. Após o jogo em 2004 [amistoso da seleção brasileira contra o Haiti, em Porto Príncipe], essa identificação só aumentou”. Outro fator importante é a presença de brasileiros na Minustah (Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti), força de paz da ONU que está no país desde 2004, que gera uma identificação entre a população haitiana e o Brasil.

Georges tem planos de retornar ao Haiti após conseguir uma estabilidade financeira em alguma cidade grande. “A solidariedade entre o povo haitiano é o que faz com que o meu país ainda não esteja devastado por completo. Lá se tornou campo deserto, temos de reconstruí-lo por inteiro. Todo haitiano precisa fazer algo. O Haiti não é pobre: é miserável. Sobra pobreza, e eu quero fazer minha parte. Num primeiro momento estou fora para poder ajudar minha família, mas um dia quero voltar e construir igrejas e escolas de informática para as crianças.”

A escolha pelo Brasil corre no boca a boca pelas ruas do Haiti. Amigos convidam outros para vir ao país, a fim de conseguir emprego e mudar sua situação social e financeira. O haitiano vê o país como uma potência – só que uma potência que concede os vistos com maior facilidade, se comparado com os EUA ou com países da Europa.

Porém, se tivessem a oportunidade de escolher qualquer país do mundo, não haveria futebol que segurasse os haitianos. “Eu não gosto do português e não tenho vontade nenhuma de aprender. E a comida aqui é péssima. Eu tento comer, mas não gosto. A comida haitiana é melhor”, diz o professor de inglês Chris Claude, 24.

“No entanto, neste momento, o Brasil é o país mais fácil para se conseguir um visto. Tentei entrar nos EUA e na França, mas é muito difícil. Então vim para o Brasil mesmo”, diz.

A viagem

Uma vez certos a emigrarem do Haiti, e com o dinheiro das passagens em mãos, é hora de arrumar as malas e seguir rumo a um cansativo périplo, sem data certa para acabar. Uma mudança rumo a uma terra onde não se fala francês e muito menos creole. E mais: em direção a uma das regiões mais pobres e mais perigosas do Brasil. Quase a totalidade destes emigrantes não tem ideia do cenário que os aguarda.

“Brasil hoje é o que se tem de melhor aqui na América Latina para morar e trabalhar. Quando a gente decide sair do Haiti, já toma a decisão mirando o Brasil”, diz o professor de francês e matemática Lordius Exenord, 36, que deixou a esposa e a filha de dez anos.

Mas o pai de família não veio sozinho. Junto está o amigo Lemorin Frisner, 36. Os dois partiram de Porto Príncipe no final de outubro, e desembarcaram em Tabatinga no dia 5 de novembro.

O caminho percorrido pelos amigos é o mesmo feito pela grande maioria dos haitianos. De Porto Príncipe vão de ônibus até Santo Domingo, capital da República Dominicana. De lá, embarcam em um avião direto para Lima, no Peru. Depois, é hora de ir a Iquitos, cidade na selva peruana, também de avião, de onde pegam um barco para a ilha de Santa Rosa, na fronteira com Tabatinga. A viagem dura seis dias.

Lordius gastou cerca de U\$S 1.500 em todo o trajeto. Porém, alguns de seus compatriotas chegam a desembolsar até quatro vezes esse valor, seja em viagens através de agências ou, no pior dos casos, enganados por coiotes – os atravessadores que prometem emprego, moradia e todos os tipos de maravilhas, mas que acabam abandonando os imigrantes à própria sorte. “Eu preferi vir por conta própria, junto com o meu amigo. É mais seguro, não se corre o risco de ninguém te enganar. Se muitas vezes acontece isso [de haitianos pagarem a mais pela viagem], é porque nós somos um povo que acredita no que falam para a gente. Não por sermos ingênuos, mas porque, quando se tratam de promessas para melhorar a nossa vida, nos deixamos enganar”, explica.

Os coiotes normalmente também são haitianos. Sua atuação começa ainda em Porto Príncipe, onde prometem aos viajantes trabalho e uma travessia segura para o Brasil. Além disso, dizem que os emigrantes poderão chegar a Manaus em poucos dias, ignorando os três meses de espera pelo visto. Em troca, cobram quantias estratosféricas. Em Lima, em Iquitos e em Tabatinga, o viajante encontra novos coiotes, que cobram mais dinheiro para continuar a viagem. No fim, o haitiano chega sem trabalho e sem qualquer tipo de assistência. “Isso acontece por falta de informação. As pessoas lá no Haiti não sabem como vir, então o coiote se aproveita e compra todas as passagens, cobrando o triplo”, explica Casseus Ernst.

A amizade entre Lordius e Lemorin começou há algum tempo atrás, nas pequenas ilhas Turks and Caicos, de 25 mil habitantes, possessão britânica no mar do Caribe, ao norte do Haiti.

Essas ilhotas da América Central costumam receber dezenas de imigrantes de diversas nacionalidades, pois pagam em Euro. Lordius passou de fevereiro de 2005 até abril de 2009 nas ilhas, trabalhando em um hotel local. “Eu era na maior parte do tempo garçom, mas fazia de tudo o que se pode imaginar. Quando algo quebrava, eu ia consertar. Funciona assim quando você é imigrante. Tem que aceitar o que surge na sua frente. Não se tem muita escolha. E nesse caso valia pena. Em três anos eu já tinha acumulado mais dinheiro do que nos meus dez anos anteriores no Haiti.”

Conhecidos criticaram-no quando resolveu que era hora de retornar ao seu país. “Chegavam para mim e falavam: ‘como assim você vai voltar para lá, está maluco? O Haiti está em frangalhos, não tem solução’. Mas eu sempre pensei que, por pior que esteja o seu país, a sensação de rever sua origem é única, inexplicável. E há a família. Quando eu estava nas ilhas, ia para casa poucas vezes e ficava no máximo duas semanas. Esse tempo não é suficiente para você falar para sua filha o quanto a ama ou ensinar francês para ela”, diz o haitiano.

Não se passou nem um ano de sua volta e veio o terremoto. “É uma sensação estranha recordar. Eu lembro que eram umas quatro ou cinco horas da tarde e durou uns 30 segundos. Eu estava dentro de casa quando tudo começou a tremer. Eu vi um prédio desabar na minha frente. Foi tudo muito rápido. Dei sorte, minha casa não caiu, apesar de sofrer alguns danos. E tanto minha esposa e quanto minha filha não se machucaram. A gente saiu de lá e foi para uma praça cheia de gente, onde ficamos a noite inteira. Por mais acostumados que os haitianos estivessem a ver tragédias, um fenômeno natural dessa proporção foi algo inédito”, conta Lordius.

Ele não tinha a intenção de sair tão cedo do Haiti. Mas o terremoto tratou de impor seu destino. "Ali foi a hora que eu vi: não dá mais, preciso ir embora", afirma.

Problema do governo

Dominique Jeudy, sobrinho de um antigo prefeito de Porto Príncipe, era mais um haitiano buscando uma vida melhor em Tabatinga. Contudo, no dia oito de novembro, sofreu uma crise por conta de uma hérnia e, com dores abdominais, foi levado ao Hospital Militar da cidade. Morreu no mesmo dia.

Após esse episódio, os haitianos se organizaram e criaram um comitê para tratar de assuntos referentes a eles. "Ali [na morte], vimos que era preciso nos organizar. Nós temos três problemas básicos em Tabatinga: saúde, moradia e alimentação. E o comitê nasceu para brigar por isso, por direitos humanos, por melhores condições de vida", diz o agente de viagens Casseus, um dos nove haitianos que participaram de sua criação. O grupo foi criado pelos haitianos mais instruídos, todos com curso superior.

Para os imigrantes, a morte de Dominique aconteceu por negligência médica. Mas, para o diretor do hospital, o tenente coronel Orlando Carlos Fleith Sobrinho, isso não é verdade. "Ele teve um quadro de convulsão e depois um traumatismo craniano. Nenhum quadro de hérnia ou outro problema abdominal gera convulsão. Ele provavelmente já deveria ter um quadro de epilepsia."

Segundo o militar, muitos haitianos simulam doenças para chegar mais rápido a Manaus e não ter que esperar pelo visto. "Teve o caso de uma jovem que colocou cascalho de rua na vagina para simular pedra no rim, por exemplo. É como naquela fábula do menino e do lobo. O menino enganava o pastor todo dia, dizendo que o lobo estava ali. Mas era mentira. O dia que o lobo realmente estava, o pastor não acreditou e o menino foi comido pelo animal. Os haitianos agem da mesma maneira. No dia em que for verdade, ninguém vai acreditar".

Para o comitê, o responsável por tudo isso é o governo brasileiro. "O Brasil dá uma ajuda humanitária, mas não há qualquer tipo de humanidade na nossa situação. O governo brasileiro precisa mudar sua política migratória. Se não consegue dar condições dignas aos haitianos, então que feche suas fronteiras", reclama Casseus.

"O governo brasileiro é cruel com a gente. Deixar pessoas por três meses sem trabalho e passando fome é desumano. O Brasil não está preparado para o tema da migração", continua. Uma de suas reivindicações é alimentação. A igreja consegue dar conta de apenas 140 pessoas por dia. "Ou seja, mil haitianos ficam a própria sorte. É como se você tivesse um doente no meio da sua sala e não fizesse nada para ajudar".

O prefeito de Tabatinga, Saul Nunes Bermeguy, se exime de qualquer responsabilidade perante o problema. "Em termos legais não tenho nenhum dever para com eles. Aqui na minha cidade, eu tenho 20% da população vivendo na pobreza, eu tenho a segunda maior população indígena da Amazônia, eu tenho uma população de 53 mil habitantes, mas circulam por aqui mais de 80 mil pessoas. Ainda tenho o problema do narcotráfico. Se você tem um avião com 40 paraquedas, mas tem 80 pessoas dentro, o que você faz?"

Para Casseus a resposta é simples: trate de arrumar mais paraquedas. "O Brasil tem duas políticas. No plano internacional, diz que está ajudando o Haiti. Mas sua política interior não faz nada para ajudar-nos."

Acolhida

"Padre, los haitianos te quieren." São essas palavras, pintadas na calçada em frente à igreja de Tabatinga, que demonstram o carinho que os haitianos sentem pelo padre colombiano Gonzalo Franco, que acompanha a história deles desde o início. "Quando os primeiros chegaram aqui em Tabatinga, vieram em uns dez ou doze, mas eu não fazia ideia da bola de neve que isso iria virar. No começo era fácil, mas assim que o tempo foi passando e o número foi crescendo, se tornou muito difícil ajudar todo mundo. A gente se esforça, mas nem sempre é suficiente", diz o pároco. "No Natal de 2010, estavam com a gente 180 imigrantes. Fizemos uma festa pequena na paróquia. Nesse ano vocês estão vendo quantos têm. Mais de mil", continua.

"Os haitianos quando chegam aqui só querem saber de uma coisa: ir logo a Manaus", afirma Gonzalo. Estar em Tabatinga, no entanto, é apenas o primeiro passo da vida no Brasil. Assim que chegam à cidade, todos procuram o padre, que lhes fornece um formulário. É ele quem centraliza os trâmites para a obtenção do visto. Após entregar esse papel na Polícia Federal, eles entram em uma longa lista de espera para fazer uma entrevista. É essa espera que chegava a durar três meses. Porém, as novas determinações do governo, concedendo apenas cem vistos por mês, já diminuíram a quantidade de haitianos na fronteira e, conseqüentemente, o tempo que leva a autorização de entrada.

Os 150 primeiros haitianos que chegaram a Tabatinga receberam ajuda da Acnur (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), com alimentação, hospedagem e até um auxílio financeiro para irem a Manaus. Mas a ACNUR deixou de ajudá-los após perceber que o caso dos haitianos não se enquadrava na definição de refugiados. Acordos internacionais classificam refugiados como um grupo de pessoas que sofrem perseguição em seu país de origem, não tendo seu direito à segurança garantido. Não é o caso dos haitianos. Assim, o padre se mostrou a única opção aos recém-chegados.

A igreja recebe doações de comerciantes e alimentos apreendidos pela Receita Federal. A comida é preparada no refeitório do salão paroquial pelos próprios haitianos. "No começo ela era feita por brasileiros, mas eles não gostavam muito. O Haiti possui outra cultura alimentar. A carne e o feijão são temperados de um jeito completamente diferente." Quando a cozinheira haitiana consegue a permissão de ir a Manaus, os haitianos elegem outra para assumir seu posto.

Foi apenas em dezembro do ano passado, quando o fluxo de haitianos começou a aumentar consideravelmente, que chegou outra ajuda além da igreja. A organização Médico Sem Fronteiras distribuiu kits com produtos pessoais para todos os haitianos na cidade. Itens básicos de higiene como papel higiênico, escova de dente e absorventes, para as mulheres, foram entregues em baldes. Redes de dormir e ganchos – típicos da cultura amazônica - também foram distribuídos para incentivá-los a não dormir no chão.

Destino: São Paulo

"Para mim seria um prazer ajudar a construir os estádios da Copa do Mundo. Vir ao Brasil foi uma decisão fácil, porque eu amo futebol. Com certeza vou tentar assistir a alguns jogos em 2014", conta Pharisieu Don, 22, que, se puder escolher um estádio para construir, já tem a opção na ponta da língua: o Itaquerão, em São Paulo.

Assim como muitos haitianos, Don sonha em viver um dia na capital paulista. "Dizem que lá tem mais trabalho. É verdade?", pergunta. Rapaz jovem de sorriso largo, ele nunca trabalhou na construção civil. Até o terremoto, era locutor de rádio em Porto Príncipe.

"Mas isso não importa. Quero estudar engenharia e trabalhar nas obras da Copa. Sonho em assistir aos jogos e ver que ali existe um pedaço do meu trabalho", conta. Esse sonho só não é maior do que o de sair de Tabatinga. "Quando você tem dinheiro tudo é fácil. Quando você não tem, vários problemas começam a aparecer." Don divide o chão de um quarto com mais quatro amigos.

Assim como Don, Jean Francat Carièce, 31, também quer trabalhar em São Paulo. "Vim com uma mala, R\$ 50 na carteira e uma certeza: trabalhar na cidade de São Paulo. Dizem que existe muito trabalho por lá." Para esse grupo de amigos, o Eldorado está na capital mais rica do Brasil.

"Todos acreditam que a situação vai mudar quando sairmos daqui. Quando você muda de país o começo é realmente difícil, tem de suportar algumas situações como as que estamos passando agora. Mas aos poucos a vida vai melhorando", diz Lordius Exenord.

Porém, um empecilho para eles concretizarem o sonho de trabalhar e ajudar suas famílias é a barreira do idioma. "Eu estou aqui há um mês e meio e até hoje não consegui aprender muito do português. Eu só falo francês, creole e inglês, então as chances de me comunicar com alguém em português são muito pequenas. O haitiano que sabe falar espanhol até consegue emprego. No meu caso é impossível. Mesmo um ou outro que sabe [inglês] não está muito disposto a ajudar. Conversar com vocês [os repórteres, enquanto faziam as entrevistas em inglês] é ótimo, nos faz sentir menos estranhos", desabafa Lordius.

Falar com a família para diminuir essa sensação de solidão também não é algo fácil. As ligações telefônicas no Brasil são caras, o que faz com que eles atravessem a fronteira em direção a Colômbia ou ao Peru para usar cabines telefônicas a preços mais acessíveis. "É muito caro fazer ligação e não temos muito dinheiro. Mas as lan houses são mais baratas e podemos falar por mais tempo. Claro que é melhor ouvir a voz da pessoa do outro lado. Mas pelo Facebook dá para matar a saudade", diz.

Além da internet, os haitianos também usam a praça da Matriz, a maior de Tabatinga, para se interagirem. Ali, o creole se tornou "idioma oficial". Centenas de haitianos se encontram no local ao fim da tarde para conversar. Não é difícil encontrar mais de 300 imigrantes espalhados pelos bancos, falando sobre a vida no Brasil e os planos para o futuro. "A gente vem para cá para compartilhar os problemas e fazer amigos, já que não temos mais nada para fazer e só conseguimos nos comunicar entre nós", diz Lordius. Os últimos da reunião só vão embora após

a meia noite. Qualquer brasileiro que passe pela praça nesse horário é incapaz de compreender uma palavra do que está sendo dito.

Mesmo assim, nem todos acreditam que sair de Tabatinga e chegar a uma cidade grande seja motivo para criar raízes no Brasil. "Pretendo ficar aqui três ou quatro anos", revela Chris, o professor que não gosta da língua portuguesa. Depois de estudar e reunir um pouco de dinheiro, ele pretende voltar ao Haiti e continuar a dar aulas de inglês.

"O motivo da minha saída foi o terremoto. Todos os problemas econômicos ficaram piores depois disso. Não temos mais trabalho, é difícil ficar lá." Chris tem uma escola de inglês em Porto Príncipe. Mesmo com os tremores, ela permanece de pé e funcionando. "Tenho alguns professores trabalhando para mim. Quando eu conseguir algum dinheiro, vou enviar para eles e ajudar a escola."

Mas, se a escola permanece de pé, o mesmo não aconteceu com sua casa. "Eu estava sozinho na hora do terremoto. Minha casa ficou destruída, prédios caíram perto de mim, pessoas morreram ao meu lado." diz Chris. Sua família, porém, está bem e ainda mora no Haiti.

"Meu sonho é viver no meu país. Nós enfrentamos problemas econômicos, não temos emprego e somos forçados a sair de nossas casas. Porém, o Haiti é o melhor país do mundo. Eu amo o lugar onde nasci e ainda vou voltar para lá."

Don, assim como a maior parte dos haitianos, não pensa da mesma maneira. Ele tem planos de morar e construir família no Brasil. "Eu sei que Tabatinga não é o Brasil. Esse país é um bom lugar para se viver", diz. Depois de estabilizado, ele sonha em trazer seus pais para cá. "Meus pais tinham uma grande loja de departamento em Porto Príncipe. Vendiam de tudo, de roupas a comida. Vivíamos com certa tranquilidade. Eles tinham dinheiro e eu ganhava bem como locutor. Mas depois do tremor eles perderam tudo e agora estão sem emprego. Gostaria que eles viessem morar aqui comigo. O Brasil é melhor do que lá. Tabatinga não."

Sugestões para arte

Infográficos:

- Número de haitianos que chegaram a Tabatinga. Dados da Polícia Federal de Tabatinga para o ano de 2011.

JUNHO: 244 / JULHO: 200 / AGOSTO: 211 / SETEMBRO: 225 / OUTUBRO: 283 / NOVEMBRO: 379 / DEZEMBRO: 495

- A rota da viagem de Porto Príncipe – Tabatinga

De Porto Príncipe vão de ônibus até Santo Domingo, capital da República Dominicana. De lá, embarcam em um avião direto para Lima, no Peru. Depois, é hora de ir a Iquitos, cidade na selva peruana, também de avião, de onde pegam um barco para a ilha de Santa Rosa, na fronteira com Tabatinga. A viagem dura seis dias.

Ilustrações:

- Salto de paraquedas

O prefeito de Tabatinga, Saul Nunes Bermeguy, se exime de qualquer responsabilidade perante o problema. "Em termos legais não tenho nenhum dever para com eles. Aqui na minha cidade, eu tenho 20% da população vivendo na pobreza, eu tenho a segunda maior população indígena da Amazônia, eu tenho uma população de 53 mil habitantes, mas circulam por aqui mais de 80 mil pessoas. Ainda tenho o problema do narcotráfico. Se você tem um avião com 40 paraquedas, mas tem 80 pessoas dentro, o que você faz?"

-Obras da Copa do Mundo

"Para mim seria um prazer ajudar a construir os estádios da Copa do Mundo. Vir ao Brasil foi uma decisão fácil, porque eu amo futebol. Com certeza vou tentar assistir a alguns jogos em 2014", conta Pharisieu Don, 22, que, se puder escolher um estádio para construir, já tem a opção na ponta da língua: o Itaquerão, em São Paulo.

- Fábula do menino e do lobo

Segundo o militar, muitos haitianos simulam doenças para chegar mais rápido a Manaus e não ter que esperar pelo visto. "Teve o caso de uma jovem que colocou cascalho de rua na vagina para simular pedra no rim, por exemplo. É como naquela fábula do menino e do lobo. O menino enganava o pastor todo dia, dizendo que o lobo estava ali. Mas era mentira. O dia que o lobo realmente estava, o pastor não acreditou e o menino foi comido pelo animal. Os haitianos agem da mesma maneira. No dia em que for verdade, ninguém vai acreditar".

